



AMBIÊNCIAS QUE ABRIGAM O COMÉRCIO AMBULANTE – PRIMEIRA ETAPA.¹

Angela Moreira

Márcia Maria Pereira Araújo.

PROARQ - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura / FAU / UFRJ.

E-mail: palas@netfly.com.br

1. Aspectos sócio-culturais do comércio: História do comércio.

Este trabalho é parte de uma pesquisa acerca dos mercados populares e suas relações com o comércio, a cidade do Rio de Janeiro e a intervenção do Estado na criação e evolução deste objeto arquitetônico. Ele tem como objetivos estudar a formação de um objeto arquitetônico – o mercado – especialmente na sua versão de mercado popular ou camelódromo e compreender sua situação história e suas imbricações na contemporaneidade. No que concerne ao seu tema de estudo vamos vê-lo aqui em “dois tempos”, ou melhor, em estudos de casos que correspondam a uma organização espacial dentro da História deste espaço, todos na contemporaneidade, mas que representam cada um deles, uma etapa por que passou a formação desta estrutura espacial que configura uma ordem específica própria do comércio ambulante. Vamos nos basear na experiência histórica da cidade de São João Del Rei.

PRIMEIRA ETAPA: Primeiras estruturas espaciais do comércio informal: apropriação espontânea de espaços especiais dentro da estrutura urbana.

Estudando ambiências para o comércio informal, estamos estudando principalmente a expressão espacial do abastecimento e de suas formas de aparição nos espaços urbano e arquitetônico, que podem ser definidas através de dois elementos principais:

- ✓ **Os elementos fixos:** Para aqueles de maior poder aquisitivo, representado pela fixação do comerciante em um pequeno comércio em um determinado lugar. Assim, nasceram as antigas quitandas, os armazéns, as leiterias, etc., nos bairros, ou seja, estes comerciantes utilizaram um objeto arquitetônico – um imóvel (próprio ou alugado) - para abrirem o seu negócio. Mais tarde este elemento vai ser reforçado através de mercados formalmente estabelecidos pelo Estado para tal fim.
- ✓ **Elementos móveis:** Para aqueles de menor poder aquisitivo, que adquiriam a mercadoria no comerciante ou diretamente nos produtores (em alguns casos, eles mesmos eram os produtores) e iam vendê-la. Estes últimos tinham duas características essenciais, eles podiam ser:
 - Aqueles que perambulavam pelas ruas da cidade, indo de porta em porta oferecendo seus produtos. Estes ambulantes utilizavam seu corpo e alguns suportes precários (temporários e variáveis) como cestos, bandejas ou caixas de madeira que carregavam a fim de mostrarem o seu produto aos clientes;
 - Ou aqueles que ficavam alocados em alguns pontos do espaço público onde a clientela já sabia onde encontrar certos produtos e serviços, principalmente onde havia tradicionalmente pontos de concentração de pessoas, quer dizer nas praças e/ou confluências de ruas mais interessantes e animadas, assim como em pontos onde existiam marcos significativos da cidade, onde eles se instalavam em pequenas tendas ou barracas ou mesmo através de alguns suportes de instalação também precária e impermanente, que eram montados e desmontados a cada dia.

Em ambos os casos, as limitações à venda nas ruas eram o tamanho e quantidade das mercadorias que podiam oferecer. Assim, inicialmente, é mais o comércio dito informal que vai facilitar o acesso de produtos básicos à população em geral e ele nasce dependente do comércio dito formalmente estabelecido e/ou dos produtores das mercadorias vendidas.

¹ Este trabalho é parte de uma pesquisa acerca da atratividade ligada aos mercados populares e suas relações com o comércio formal, a cidade do Rio de Janeiro e a intervenção do Estado na criação e evolução deste objeto arquitetônico.



Nos primeiros povoados brasileiros, a praça, os pontos de confluência de ruas, as ruas principais ou as igrejas e chafarizes sempre foram lugares que serviram de atração para aqueles que perambulavam na mesma. Todas as cidades de nosso período colonial tiveram estes pontos e, quase sempre, ali se reuniram os ambulantes para oferecerem suas mercadorias. Este é um fenômeno que perdura até os nossos dias.

Os mercados ainda não existiam como objetos arquitetônicos. Aqui a concepção de “mercado”, segue muito mais a de ponto de reunião de ambulantes, onde, além de comerciarem, eles exerciam também a função de lazer, sendo estes lugares considerados como pontos de animação (ou mesmo de algazarra da cidade e de sujeira), além de ali aparecerem também a oferta de prestações de serviço e a troca preciosa de informações entre o povo em geral, marcando um fenômeno de coesão espacial de atividades afins e complementares.

A este respeito os visitantes que estiveram no Brasil deram alguns depoimentos, por exemplo, Chamberlain comentou:

A barraca de mercado é igual às que geralmente se encontram nas áreas abertas da cidade. Sua construção é muito simples, sendo armada de manhã e desarmada à noite. Consiste apenas em quatro esteios retos e uma cobertura de folhas de bananeira, para quebrar os raios abrasadores do sol. Estas barracas pertencem, em geral, a negras livres que negociam com aves, verduras, legumes e milho e, às vezes, também com pão e peixe frito. São os pontos de reunião dos negros indolentes e tagarelas... (CHAMBERLAIN, 1820).

É preciso, aqui, apresentar os comentários de Gastão Cruls para entender a importância no Brasil Colônia e Império destes lugares de comércio (tanto formal quanto informal), onde os grupos de menor poder aquisitivo e mesmo, as camadas médias da população vinham comprar, mas e às vezes, principalmente, poderiam exercer algum tipo de diversão, elemento raro na sociedade de então:

Entre tantas causas de desassossego e não menores provações, sem meios de condução pelas ruas mal calçadas e quase em trevas à noite, pois que só um ou outro figurão teria direito à cadeirinha ou à serpentina, e assim mesmo só depois de 1639 - bem poucas seriam as oportunidades para passeios e outros divertimentos entre a escassa população do Rio, nesse moroso alvorecer da cidade. Quando muito, e isso apenas para os homens, uma volta, à tardinha, depois do jantar, pelo Terreiro do Carmo, a única praça onde se poderia tomar um pouco de ar e beber algum refresco ou comer qualquer doce ou fruta da terra, ali vendidos pelos pretos de ganho. Ou então o jogo de gamão à porta do boticário ou de qualquer outro comerciante da vizinhança (CRULS, G., 1949).

Assim, antes de 1830, os ambulantes eram um grupo constituído principalmente de escravos que iam vender o produto do senhor ou o seu próprio, plantado nas redondezas ou fabricado em pequenos empreendimentos na cidade. Havia escravos de todas as idades e de ambos os sexos, comerciando em tempo parcial ou integral.

Os produtos oferecidos variavam muito, iam de todos os tipos de alimentos (frescos ou preparados) - frutas, ovos, aves, verduras, grãos, carne de gado, peixe - até livros, santos, velas, ervas, flores:

Em particular, o negócio de comida, exceto a carne e o peixe vendidos por homens, parece ter sido uma especialidade das mulheres africanas e baianas. Outra especialidade delas era a venda de quitutes, como guisados com azeite-de-dendê, peixe frito, carne seca grelhada, balas e doces e refrescos. Mascateavam de porta em porta e vendiam em restaurantes ao ar livre montados nos mercados, ou perto deles (GORBERG e FRIDMAN, 2003).

Todavia, estes “primórdios” do estabelecimento da estrutura espacial deste tipo de comércio, ainda podem ser vistos na contemporaneidade, não somente pulverizado em alguns pontos do centro da cidade do Rio de Janeiro, mas principalmente em suas periferias e em outras cidades menores, são particularmente visíveis em algumas que cristalizaram a sua configuração espacial original, ou seja, a da época colonial. Ali ainda encontraremos as mesmas relações sócio-comerciais que existiam no Rio Colonial, é o caso da Cidade Histórica de São João Del Rei. O fato desta cidade não ter alterado sua morfologia urbana provoca a aparição das mesmas relações entre ela e o comércio informal que se tinha no passado do Rio, sem as alterações que hoje ela tem, ou seja, sem a formação de um objeto arquitetônico que atue com este fim.

Seu marco principal são as praças em frente às igrejas mais importantes que se caracterizam pela aglomeração de fiéis e/ou turistas. Ali se reúnem os camelôs para venderem suas mercadorias. Segundo pesquisa feita por ARAÚJO (2005), dois principais espaços livres abrigam o comércio informal em São João Del Rei: o Largo do Rosário e o Largo de São Francisco, especialmente este último que utilizaremos aqui como exemplo. Para identificar algumas das principais características do comércio informal nestes locais, foram levantados: o número e a localização dos pontos de comércio, os produtos vendidos e seus valores, horário de atendimento e público atendido, assim como analisamos o impacto deste comércio no meio circundante e no patrimônio cultural.

O Largo de São Francisco possui seis pontos de comércio informal, localizados na calçada lateral do Largo.



Igreja de São Francisco de Assis. Observa-se a grande área de interferência do ponto de comércio na visibilidade da fachada lateral da igreja.

Fonte: ARAÚJO, M.M.P., 2005.

Apesar de ter uma grande área de ocupação, sua interferência é praticamente nula no que diz respeito à visão frontal da igreja, principal elemento do local, ou seja, ele pouco interfere na exposição do marco mais significativo do local. Porém, ele torna-se expressivo no que diz respeito à fachada lateral, ocupando toda a calçada ali, contrastando com a mesma e inibindo de forma parcial a sua visibilidade, mesmo assim ele não chega a interferir na valorização do monumento, sendo por isto considerado como um elemento positivo, pois este comércio tem número limitado de participantes ali.

Podemos identificar **dois tipos de comerciantes** que se fixaram no lugar: comerciantes informais residentes em São João Del Rei e comerciantes informais que circulam entre várias cidades da região, ambos considerados com artesões pela população local:

- ✓ O primeiro grupo é formado basicamente por senhoras aposentadas ou pensionistas, com idade entre 50 e 70 anos, com baixa escolaridade (entre 3^a. e 5^a, série). Têm como produtos principais peças de crochê, bordado e pintura (de R\$ 2,00 a R\$ 20,00 e de R\$ 20,00 a R\$ 100,00). Estas senhoras permanecem neste lugar há anos (entre 2 e 20 anos) tendo como principal motivação para se fixarem no Largo o fato de o considerarem o principal ponto de visitação da cidade. Porém, o principal ponto positivo de trabalhar no local, além do fato de existirem muitos turistas, é a amizade e a união entre os comerciantes. Não citam nenhum ponto negativo nem destacam o fato de estarem expostas às intempéries, frio e chuva. Possuem horários fixos de trabalho: nas férias e feriados trabalham todos os dias entre 9 e 17horas. Nas demais épocas trabalham as sextas, sábados e domingos no mesmo horário.



- ✓ O segundo grupo é formado por comerciantes entre 30 e 40 anos, que tem como produtos principais as bijuterias, vendidas na faixa de preço entre R\$ 2,00 e R\$ 10,00 - com escolaridade diversificada. Estão há pouco tempo no local e têm como fator de motivação para se fixarem no largo o fato de por ali passarem muitos turistas. O principal ponto positivo do lugar é a presença dos turistas, além de ser um lugar tranquilo. A ausência eventual destes turistas foi citada como ponto negativo. Trabalham basicamente nas férias e feriados sem horários fixos.

Tanto o primeiro quanto o segundo grupo têm como clientes não somente os visitantes, mas também os moradores. Este fator demonstra claramente a aceitação dos moradores à presença destes comerciantes ali e do tipo de produto que vendem, um artesanato diferenciado dos tipos de produtos existentes nos demais pontos de comércio informal tão discriminado pela população de São João Del Rei. Este fato foi observado através de relatos de um movimento contra os denominados “camelôs” que foram retirados do centro da cidade, principalmente da sua principal avenida, a Presidente Tancredo Neves e locados no denominado “Camelódromo”, situado em uma área próxima ao centro. O terreno foi cedido pela prefeitura e a construção foi executada com recursos dos próprios ambulantes. Porém, ainda existem aqueles que permanecem nesta avenida, contrariando a vontade popular. A própria Prefeitura de São João Del Rei reconhece a diferenciação entre os comerciantes do Largo São Francisco e os das demais áreas da cidade. Isto é comprovado pela existência de um acordo firmado com eles, de maneira informal, não impedindo sua fixação no local, desde que os produtos vendidos sejam artesanais. Como podemos ver, também nesta cidade podemos encontrar as diferentes etapas deste comércio imbricadas na composição do espaço urbano.

Quanto aos suportes destacam-se dois tipos principais: suportes com exposição horizontal (tipo mesas) e suportes verticais. Além destes suportes também são utilizados outros objetos auxiliares como guarda-sol, e até mesmo os muros da igreja.

Observou-se que os pontos de comércio não degradam ou sujam o espaço, devido ao fato de que todos os suportes são leves e removíveis, da existência de lixeiras próximas e de certa manutenção do local.

Quanto aos acessos, observa-se que devido ao posicionamento dos pontos de comércio na calçada e ao volume que ocupam, pode-se afirmar que atrapalham bastante a passagem dos pedestres, que muitas vezes preferem utilizar a rua tanto para ter acesso à igreja, quanto para circular.

Quanto aos visitantes, estes também demonstram aceitação destes comerciantes, visto que não interferem de forma relevante na visibilidade da Igreja de São Francisco de Assis, atrativo religioso mais visitado da cidade. Além disso, os produtos vendidos atraem todo o tipo de visitante devido a grande variação de preços e qualidade. Outro fator para a aceitação do comércio informal pelos visitantes ali é que nesta parte da cidade existe apenas uma loja de souvenirs. Destaca-se que a maior interferência espacial da ocupação deste local pelos pontos de comércio informal, é o fato de prejudicarem os acessos, por ocuparem a maior parte da calçada. Porém, isso ocorre diariamente apenas nos fins de semana e férias, período em que diminui bastante o movimento de pedestres, pois este é maior devido à existência do Campus da Universidade Federal de São João Del Rei nas proximidades do Largo.

Quanto à posição da Prefeitura em relação à ocupação da cidade pelo comércio informal, a Secretaria de Cultura pretende legitimar esta diferenciação de produtos, ou seja, artesanal e industrial, através da valorização dos artesãos com a criação de feiras de artesanato e do Centro de Referência do Artesanato da Trilha dos Inconfidentes. Para os demais comerciantes, a Diretora de Cultura, a arquiteta Ana Elisa Raposo (2005), cita a possibilidade de se criar um espaço com melhor infra-estrutura, a exemplo dos shoppings populares ou mesmo a ocupação organizada e padronizada da Avenida Tancredo Neves por causa da vocação comercial do local. Isto é possível, segundo o Coordenador de Tributação, Paulo César Silva, pois o código tributário prevê a utilização do espaço público mediante o pagamento de taxas.



Porém, para que isto ocorra é necessária a revisão do código de posturas do município, que permite, por exemplo, a utilização de mesas para exposição de produtos em calçadas que possuam no mínimo três metros de largura. Porém, não existe nenhuma calçada em São João Del Rei, que possua tal característica.

De maneira geral, a administração municipal vê o problema do comércio informal como uma consequência do empobrecimento da população e não como um problema de ocupação do espaço público. Assim, a existência deste comércio não é vista como um problema a ser solucionado, visto que a única medida que vem efetivamente sendo tomada é a tentativa de conter sua expansão, não intervindo no que já está consolidado.

Bibliografia

- ABREU, Maurício. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- AUGOYARD, JF. *Eléments pour une théorie des ambiances architecturales et urbaines*. In *Les Cahiers de la Recherche Architecturales N 42/43, Ambiances architecturales et urbaines*. Marseille, Ed Parenthèses, 1998.
- CHAMBERLAIN. *Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro*. Londres, s/ed.,1820.
- CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro: notícia histórica e descritiva da Cidade*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1949.
- DEBRET, Jean-Baptiste. *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil*. Paris, Ed. Firmine Didot et Freres, 1834.
- GORBERG, Samuel – FRIDMAN, Sergio A. *Mercados no Rio de Janeiro 1834 - 1962*. Rio de Janeiro: S. Gorberg, 2003.
- JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808 – 1850*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NORBERG-SCHULZ, C. *L'Art du Lieu. Architecture et paysage, permanence te mutations*. Paris, Le Moniteur, 1997.
- URRY, John. *O Olhar do Turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.
- WOLOSZYN, P. e SIRET, D. *Du complexe au simplexe. Le modèle des objets ambiants*. In *Les Cahiers de la Recherche Architecturales N.42 - Ambiances architecturales et urbaines*. Marseille, Ed. Parenthèses, 1998, p 49/61.